

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional
Curso de Psicologia



Trabalho de Conclusão de Curso

**O SOFRIMENTO PSÍQUICO NA TRAJETÓRIA DE PROFISSIONAIS DO
SEXO: INVISIBILIDADES E AMBIGUIDADES VIVENCIADAS NO EXERCÍCIO DA
PROFISSÃO**

Rosana Pazini

Pelotas, 2019

Rosana Pazini

**O SOFRIMENTO PSÍQUICO NA TRAJETÓRIA DE PROFISSIONAIS DO
SEXO: INVISIBILIDADES E AMBIGUIDADES VIVENCIADAS NO EXERCÍCIO DA
PROFISSÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Airi Macias Sacco
Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Károl Veiga Cabral

Pelotas, 2019

Rosana Pazini

O SOFRIMENTO PSÍQUICO NA TRAJETÓRIA DE PROFISSIONAIS DO
SEXO: INVISIBILIDADES E AMBIGUIDADES VIVENCIADAS NO EXERCÍCIO DA
PROFISSÃO

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia, pela Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 12/07/2019

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Airi Macias Sacco (Orientadora)

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^a Dr.^a Károl Veiga Cabral (Coorientadora)

Doutora em Antropologia pela Universitat Rovira i Virgili de Tarragona, Espanha

Prof.^a Dr.^a Giovana Fagundes Luczinski

Doutora em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. José Ricardo Kreutz

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus e à espiritualidade superior pela felicidade de ingressar e concluir este curso tão sonhado, e pela assistência em todos os momentos da minha existência.

Ao meu esposo Osmar, companheiro de vida e de sonhos há 27 anos, meu porto seguro e minha inspiração para me tornar uma pessoa melhor.

Ao meu filho Vinicius, meu maior tesouro e vida da minha vida, e à minha nora Andressa, um presente maravilhoso direto de São Lourenço do Sul para a minha família.

Às professoras Camila e Károl, profissionais e pessoas maravilhosas, por me acolherem com tanto carinho e afeto, e por me sensibilizarem para a potência dos encontros.

A minha orientadora, professora Airi, pela sua maestria em tudo que se propõe a fazer, e por saber equilibrar, de forma tão singular, a objetividade e a sensibilidade.

Aos colegas de profissão Iago, Diego, Lourdes, Morgana, Eduardo, Gelci, Jaini, Geisse e todos os demais colegas que foram parceiros na minha jornada, por todos os saberes compartilhados e pelos laços de amizade construídos.

A todos os queridos professores e aos colegas do curso, companheiros de formação.

A todos os meus familiares e amigos, presentes e ausentes.

Às psicólogas Rochele e Vanise pela presença afetiva nessa minha viagem.

E especialmente minha gratidão às profissionais do sexo deste estudo, mulheres incríveis e encantadoras, por compartilharem comigo um pouco de suas vivências.

O apanhador de desperdícios

Uso a palavra para compor meus silêncios.

Não gosto das palavras
fatigadas de informar.

Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.

Entendo bem o sotaque das águas.

Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.

Prezo insetos mais que aviões.

Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim um atraso de nascença.

Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.

Meu quintal é maior do que o mundo.

Sou um apanhador de desperdícios:

Amo os restos
como as boas moscas.

Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.

Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.

Só uso a palavra para compor meus silêncios.

Manoel de Barros

RESUMO

PAZINI, Rosana. **O SOFRIMENTO PSÍQUICO NA TRAJETÓRIA DE PROFISSIONAIS DO SEXO: INVISIBILIDADES E AMBIGUIDADES VIVENCIADAS NO EXERCÍCIO DA PROFISSÃO.** 2019. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Psicologia) – Curso de Psicologia, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS – Brasil, 2019.

Este trabalho consiste em uma pesquisa realizada junto a três profissionais do sexo fixadas em estabelecimentos de prostituição localizados na área central de um município do sul do estado do Rio Grande do Sul. O objetivo foi apreender os sentidos subjetivos da narrativa destas profissionais do sexo, de forma a evidenciar os aspectos de vulnerabilidade que expõem estas mulheres a um possível sofrimento psíquico advindo do exercício de sua profissão. Para isso, foi realizado um estudo qualitativo transversal, de caráter exploratório. Os instrumentos utilizados foram uma entrevista semiestruturada e um diário de campo. O ponto central de convergência e eixo de maior vulnerabilidade apresentados pelas profissionais entrevistadas são as experiências a partir de uma vida dupla, perante a família e a sociedade. As questões de ordem moral, o estigma da puta e o medo da reação social são importantes marcadores que as condenam a exercer sua profissão na obscuridade, no *underground*. A pressão de estar o tempo todo controlando o ambiente, com o mínimo de exposição de sua imagem, aliados a uma conseqüente rede de apoio social limitada podem produzir sofrimento nessas mulheres, comprometendo seu sentido de existência.

Palavras-chave: prostituição; profissionais do sexo; sofrimento psíquico; estigma; vulnerabilidades.

ABSTRACT

PAZINI, Rosana. **THE PSYCHIC SUFFERING IN THE TRAJECTORY OF SEX PROFESSIONALS: INVISIBILITIES AND AMBIGUITIES EXPERIENCED IN THE EXERCISE OF THE PROFESSION.** 2019. 33 p. Course Conclusion Work (Bachelor of Psychology). Course of Psychology, Federal University of Pelotas. Pelotas, RS – Brasil, 2019.

This work consists in a research carried out with three sex workers established in prostitution establishments located in the central area of a municipality in the southern state of Rio Grande do Sul. The purpose was to apprehend the subjective senses of the narrative of these sex workers, to highlight the aspects of vulnerability that expose these women to a possible psychic suffering coming from the exercise of their profession. In this regard, a qualitative transversal study was carried out, with an exploratory character. The used instruments were a semi-structured interview and a field diary. The central point of convergence and axis of major vulnerability presented by the professionals interviewed are the experiences from a double life, in face of the family and the society. Moral issues, the stigma of the whore and the fear of social reaction are important markers that condemn them to pursue their profession in obscurity, in the underground. The pressure of being controlling the environment all the time with minimal exposure of their image, allied to a consequent network of limited social support can produce suffering in these women, compromising their sense of existence.

Keywords: prostitution; sex workers; psychic suffering; stigma; vulnerabilities.

SUMÁRIO

Introdução	9
Método	11
Participantes.....	11
Instrumentos.....	12
Procedimentos.....	12
Análise dos dados.....	13
Resultados e Discussão	14
Diversidade das trajetórias.....	14
Questões morais.....	16
Gênero e Trabalho.....	20
Vulnerabilidades e invisibilidades.....	23
Expectativas para o futuro.....	27
Considerações finais	29
Referências	31

Introdução

Em todas as épocas da trajetória humana, as questões sexuais têm sido objeto de inúmeras indagações e distintas formas de operacionalização. Em algum momento de sua existência, as pessoas confrontam-se com a sua sexualidade e com as possibilidades sobre como vivenciar seu corpo. Assim, mesmo a sexualidade sendo atravessada por condicionantes e determinantes sociais, políticos, culturais, éticos, legais, históricos e religiosos, caracteriza-se como uma experiência singular e subjetiva (PONTES, 2011). Essa vivência pode ser “potencialmente geradora de bem-estar, crescimento, de autorrealização mas também e, simultaneamente, de conflitos e sofrimento” (VILAR, 2003, p. 14).

O ser humano, ao nascer, ingressa no mundo já impregnado do sentido que os significantes “homem” e “mulher” comportam em nossa sociedade. A cultura nos marca de nascença, por conta desta inscrição com a qual somos levados a nos deparar ao longo de nossa vida. Podemos, inclusive, no curso do desenvolvimento, nos deslocarmos deste construto, ocupando outra posição do desejo e do discurso no qual vamos operar (KEHL, 2008). Mas esta travessia não é fácil e nem está dada de antemão a qualquer sujeito. É uma construção que pode encontrar barreiras, dependendo do local no qual o sujeito se inscreve e da operacionalização disso ao longo de sua vida.

O contingente moral e cultural em que a nossa sociedade está inserida tem suas raízes nos preceitos cristãos, em que a Igreja se facultou a prerrogativa de adaptar alguns valores sociais a um discurso religioso e, em conjunto com o Estado, controlar a sociedade por meio da domesticação dos afetos, dos amores e da sexualidade, especialmente a feminina. Há um deslocamento da posição social feminina, que vai da esfera de filha para a de esposa e de mãe, porém conserva-se dentro de um mesmo processo de submissão ao poder masculino. Além disso, ao discurso médico, cuja prática é historicamente realizada por homens, coube a tarefa de embasar o discurso religioso, proclamando a procriação como função natural da mulher (CAVOUR, 2011). A satisfação do prazer sexual masculino pertencia especialmente às prostitutas, mulheres que por algum motivo não se encaixavam no padrão imposto às demais, ao contrário das esposas - “mulheres de família” – honradas e incumbidas de perpetuar o nome do grupo familiar, pois só serviam ao propósito da reprodução (RIBEIRO, 2007). As prostitutas eram consideradas pela

sociedade e pela Igreja como um mal necessário, pois a virgindade das “moças de família” era preservada para as núpcias. (PEREIRA, 1968).

O termo "profissionais do sexo" ou "trabalhadores do sexo" surge por volta da década de 1970, como nova forma de se aludir às pessoas que trabalhavam com a prostituição. Isso ocorre concomitantemente ao surgimento dos movimentos sociais de defesa dos direitos da categoria e ao anseio para este tipo de trabalho obter o *status* de uma profissão como outra qualquer (ROBERTS, 1998). Atualmente, a Rede Brasileira de Prostitutas tem colocado-se favorável ao resgate do termo "prostituta". O argumento utilizado sustenta que o uso de expressões “politicamente corretas” não altera o quadro de desvalorização e discriminação sofrido por estas mulheres, e pode, inclusive, reforçar a perpetuação do estigma ao invés de enfrentá-lo (RODRIGUES, 2009).

A atividade "profissional do sexo" é reconhecida pela Classificação Brasileira de Ocupação – CBO. Indexada com o número 5198-05, faz parte da família “prestador de serviço” e inclui também as denominações garota de programa, garoto de programa, meretriz, messalina, michê, mulher da vida, prostituta, trabalhador do sexo. A CBO trata-se de uma publicação instituída pela Portaria Ministerial no. 397/2002, cuja finalidade é identificar e classificar as diversas ocupações existentes nos setores público e privado do mercado de trabalho, sem diferenciação entre as profissões regulamentadas e as de livre exercício profissional, uma vez que a CBO não tem o poder de regulamentar profissões. Segundo o Ministério do Trabalho (Brasil, 2016), o simples fato de ter seu ofício identificado e reconhecido pelo poder público já acarreta "uma maior visibilidade, um sentimento de valorização e inclusão social, tanto para as categorias profissionais quanto para os trabalhadores".

Apesar disso, a inclusão da atividade de profissional do sexo e correlatos na legislação brasileira pode não representar um avanço efetivo para a prostituição no campo das Políticas Públicas, dentro do processo histórico da categoria, entremeado pela exclusão social. Coube aos diversos movimentos sociais das prostitutas, no final do século passado, o mérito na construção de iniciativas direcionadas ao campo da saúde no trabalho e aos direitos humanos em contraste ao anterior cenário da prostituição como objeto exclusivo de intervenção policial e sanitária (RODRIGUES, 2009). Contudo, apesar dos avanços significativos obtidos nos últimos anos, a atividade de profissional do sexo continua atrelada a uma série de preconceitos e estereótipos. Com base nisso, o presente estudo tem como objetivo apreender os

sentidos subjetivos da narrativa de profissionais do sexo, de forma a evidenciar os aspectos de vulnerabilidade que expõem estas mulheres a um possível sofrimento psíquico advindo do exercício de sua profissão.

Método

Este é um estudo qualitativo transversal, de caráter exploratório. A pesquisa qualitativa tem como foco uma compreensão mais aprofundada da complexidade dos processos e dos fenômenos que não podem ser mensurados através de variáveis numéricas. Aplica-se ao estudo das relações, significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Permite investigar a especificidade de grupos e segmentos, com abertura de espaço de narrativa das histórias sociais (MINAYO, 2013). Já o cunho exploratório permite maior entendimento e proximidade com o problema pesquisado, visando torná-lo mais evidente, além de possibilitar a construção de novas perspectivas em relação ao que está sendo pesquisado (GIL, 2002).

Participantes

Participaram do estudo três profissionais do sexo, Rita, Nanda e Sara (nomes fictícios), fixadas em estabelecimentos de prostituição denominados de Casas de Massagem, localizados na área central de um município do sul do estado do Rio Grande do Sul. “Rita” tem 45 anos de idade, é branca, casada, não tem filhos, cursou o ensino médio, reside com o marido na área central da cidade, trabalha como profissional do sexo desde os 28 anos e hoje, além de trabalhadora, também é proprietária da casa de massagem. “Nanda” tem 36 anos de idade, é branca, tem ensino médio e atualmente é estudante de um curso técnico de enfermagem. Separada do primeiro marido, tem duas filhas de 18 e 16 anos, reside na periferia com seu pai, com seu companheiro e com a filha de 16 anos, estando na profissão há 10 anos, atua como trabalhadora do sexo e como gerente da casa. Sua filha mais nova está envolvida com um traficante. “Sara” tem 33 anos de idade, é negra, cursou o ensino médio completo, reside com a mãe e os irmãos no mesmo terreno de um bairro da periferia, está na profissão há apenas um ano, é separada do primeiro marido e está solteira. Ela possui certa deficiência motora e da fala em razão de um acidente de moto ocorrido há 15 anos. Tem um filho de 20 anos que relata ser usuário de drogas e traficante. Ela e o filho sofrem agressões físicas por parte do irmão mais velho.

Instrumentos

Os instrumentos utilizados foram uma entrevista semiestruturada e um diário de campo. A entrevista semiestruturada foi composta por oito perguntas sobre como o trabalho como profissional do sexo entrou na vida de cada uma; se elas enfrentam alguma dificuldade advinda deste trabalho; se este trabalho lhes produz algum sofrimento psicológico; onde buscam ajuda em uma situação de sofrimento e que tipo de ajuda; qual o papel da Redução de Danos no enfrentamento destes problemas; qual a percepção delas sobre como a sociedade vê o trabalho de profissional do sexo; se elas têm ciência de alguma Política Pública voltada para o atendimento das necessidades da categoria. O propósito desta entrevista foi o de obter informações sobre os diversos aspectos da vida da profissional que pudessem impactar a qualidade de sua saúde mental.

O diário de campo consiste no registro rotineiro das impressões pessoais da pesquisadora colhidas durante o estudo. Apresenta as observações e percepções sobre comportamentos e atitudes, diálogos informais e manifestações tácitas ou explícitas das participantes, que servem de apoio para uma compreensão mais ampliada do processo em análise (MINAYO, 2013).

Procedimentos

Para a realização da pesquisa, com o intuito de facilitar a aproximação ao campo e o acesso às profissionais do sexo, foi acionada a Equipe de Redução de Danos (RD), integrante da rede de serviços da Secretaria de Saúde do município. Após ciência do projeto, a coordenação do respectivo órgão autorizou a realização da pesquisa em conjunto com sua equipe de RD, mediante assinatura de Termo de Anuência Institucional (TAI). A coleta de dados teve início somente após a aprovação de Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e foi realizada no período de abril a maio de 2019.

A equipe de RD, responsável pela área central da cidade e composta por duas funcionárias, fez uma análise prévia dos possíveis locais e das profissionais que poderiam apresentar maior interesse e disponibilidade em participar da pesquisa. Logo após, mobilizou-se na busca ativa destas profissionais, a fim de obter anuência prévia das participantes. Os seguintes critérios de inclusão foram adotados: ser profissional do sexo; ter idade acima de 18 anos; ser mulher cisgênero; ser moradora do município no qual as casas de massagem estavam localizadas; trabalhar na região

central; e concordar em participar da pesquisa e assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Foram realizados dois encontros com cada uma das três participantes. No primeiro encontro foi feita uma abordagem inicial de aproximação. A pesquisadora identificou-se e apresentou a pesquisa de forma clara e concisa às mulheres. O TCLE, impresso em duas vias, foi lido e explicado e, a partir da anuência das participantes e respectiva assinatura no documento, foi entregue a elas uma das vias e agendado o próximo encontro, conforme a disponibilidade das profissionais do sexo e da RD. No segundo encontro houve a realização da entrevista. A garantia do sigilo e do anonimato às participantes foi reforçada com a escolha dos nomes fictícios Rita, Nanda e Sara, definidos por elas próprias.

A RD acompanhou o primeiro encontro com cada uma das três participantes, por exigência da própria equipe. No segundo encontro com a Rita, a RD também esteve presente por sugestão da participante, porém sua presença mostrou-se inconveniente em razão do desconforto e do retraimento causado tanto na participante quanto na pesquisadora. Com isso, o segundo encontro de Nanda e Sara foi realizado individualmente. Em ambas as situações, os encontros transcorreram no próprio local de trabalho das profissionais do sexo, conforme horário estabelecido por elas, e com a condição de não comprometer o atendimento aos clientes que por ventura surgissem durante a pesquisa, de forma a não interferir em sua rotina de trabalho. O tempo de duração de cada entrevista foi de aproximadamente uma hora. Os depoimentos foram gravados em áudio e transcritos *ipsis litteris*. Os demais dados foram registrados no diário de campo para análises posteriores.

Análise dos dados

Para a análise e categorização dos dados, foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo Temática. Essa análise parte da noção de que tema é o elemento significativo que se destaca e salta da narrativa, tal é a sua complexidade e a teia de relações a que se liga, podendo ser representado por termos ou expressões (BARDIN, 2016). Fazer este tipo de análise significa extrair os núcleos de sentido presentes na mensagem, cujo conteúdo central contempla possíveis respostas para as questões objeto de investigação do pesquisador (MINAYO, 2013). Inicialmente, as entrevistas gravadas foram transcritas e lidas para ordenação e agrupamento dos dados qualitativos. Foram identificados os elementos comuns a todas as participantes, bem como aqueles que mais se destacaram no universo de questões apresentadas por

elas. A partir da análise dos dados emergiram cinco categorias temáticas, que serão explicitadas nos resultados do estudo: 1) diversidade das trajetórias; 2) questões morais; 3) gênero e trabalho; 4) vulnerabilidades e invisibilidades; e 5) expectativas para o futuro.

Resultados e Discussão

Os resultados serão apresentados de acordo com as categorias encontradas. Para melhor representar o tema das respostas das profissionais, selecionamos alguns trechos dos depoimentos das participantes.

Diversidade das trajetórias

A trajetória de vida das profissionais do sexo participantes deste estudo diverge. É falha a ideia de que exista um motivo subjacente, exclusivo e determinista que justificaria, de forma generalizada, a incursão de algumas mulheres no mundo da prostituição. As trabalhadoras do sexo tanto podem ser motivadas pela vivência em ambientes de privação e pobreza quanto por acreditarem na possibilidade de ganhar dinheiro independente da exigência de qualificação, e até mesmo por questões de foro íntimo (LEITE, 2009). Podemos constatar isso na fala das três participantes. No caso de Rita, há o elemento curiosidade, que se sobrepõe à necessidade financeira: *“[...] foi uma curiosidade porque a gente [ela e o marido] já tinha se relacionado com outros casais, a gente curtia um swing, essas coisas assim, então aí acabou a gente unindo o útil ao agradável, a verdade foi essa.”* Ao preterir uma certa dificuldade financeira em prol do prazer sexual e do interesse em aventurar-se com outros parceiros, Rita nos apresenta uma perspectiva que a coloca numa condição diferenciada de ter podido fazer uma escolha e, justamente por isso ela considera *“tranquila”* a sua entrada neste trabalho. Rita ainda faz questão de nos comunicar o quanto suas condições iniciais foram diferenciadas da maioria das profissionais do sexo, principalmente com relação à parceria profissional do marido:

Nessa casa mesmo [onde ela começou como profissional do sexo] que quando surgia de um casal que queria um rapaz ou uma mulher a gente ligava pra ele [o marido], ele tinha disponibilidade de sair por conta do outro serviço dele né? Aí ele atendia normal, foi isso aí. [...] Por isso que eu já tinha te comentado que a minha situação foi diferente né? Porque tem muitas gurias que começam a trabalhar e chega um cara e se encosta, entendesse? Até pra lucrar em cima da guria. A minha situação foi diferente.

Já no caso de Nanda, a entrada neste universo é distinta. Ela nos relata a busca da prostituição como uma forma rápida de obter ganho financeiro, que lhe propiciaria

o sustento dela e das filhas pequenas, e lhe permitiria romper um casamento cerceador, o qual não suportava mais:

Eu fui casada, casei muito cedo, com 16 anos. Eu tive uma filha e lá com os meus vinte e poucos, 23, eu queria me separar, e eu morava pra fora e lá tudo era difícil. Eu queria voltar a estudar [...] e meu marido não queria deixar, não aceitava porque aí eu tinha que pegar transporte, mudar de cidade, aí eu tanto tanto bati pé e fui. Só que ao mesmo tempo eu queria me separar porque queria me separar, não aguentava mais. Aí tinha o transporte, e eu conheci o motorista, e comentando, a gente conversando e eu falando com ele que eu queria me separar mas emprego é difícil, e ele: “ah eu sei um jeito rápido de tu ganhar dinheiro e conseguir se separar!” [...] aí ele me levou numa casa de massagem [...].

No caso de Sara, além da vulnerabilidade social análoga a de Nanda, há um fator importante a ser considerado que é a carência de oportunidades de trabalho: “Depois que eu sofri o acidente eu me separei. Aí eu vivia trabalhando assim de faxina pra fora, dos bicos, mas as pessoas me exploravam muito e eu disse ‘não, não é vida’ e aí eu vim pra cá e eu disse ‘não, aqui eu, é melhor, resolvi assim’”. O motivo de seu ingresso na profissão foi a curiosidade, só que despertada a partir de um processo identificatório com as amigas, que eram parte expressiva de sua rede de afetos e que, de certa forma, lhe asseguravam proteção para acessar este novo lugar:

Eu só vinha aqui de visita né? Ver as amigas, aí eu não tinha nada pra fazer, assim muito paradona, mais em casa, vinha pra cá e disse “vou tentar”. Aí peguei e fiz uma vez né? Aí disse “vou, então posso trabalhar né?” Perguntei pra gerente e ela “sentiu bem né? É assim”. Aí eu comecei a vim, a trabalhar! [...] mais por curiosidade, aí disse “não, acho que dá, vai, não tenho nada né?” Em vez de ficar aí perambulando pelas ruas né? Podia mesmo até me drogar, e ficar, mas não, aí eu venho pra cá, tem minhas amigas [...].

Se constatamos singularidades entre as entrevistadas, também é importante ressaltar variáveis comuns. Nanda e Sara, por exemplo, compartilham o fato de terem um nível socioeconômico baixo. Nanda relata seu histórico de privações:

[...] Cada um tem seu motivo pra estar aqui né? Eu tô aqui porque eu morei, fui criada pra fora e não tive nada quando criança, não tinha nada, se eu quisesse um sapato eu tinha que ir pra lavoura pra comprar e era um sapato por ano, acabou aquele, tá furado, lá pelas tantas ganhava outro.

A situação de Sara é semelhante: “A gente que é pobre tem é que, sabe, se virar mesmo!” Ambas também compartilham a responsabilidade total pelos cuidados e subsistência da família nuclear, que Sara justifica: “[...] Não faço isso porque eu gosto, mas é pra ajudar minha família, tenho um filho né? e, como é que eu vou te dizer, bom não é né? Mas... [...] Não é uma opção, não é porque eu gosto disso, dessa vida aqui!”.

Já Rita parece ter menos preocupações quanto à manutenção financeira da família por não ter filhos e pela segurança do emprego formal do companheiro, associadas ao fato de ela ser a proprietária do estabelecimento, estando na condição de chefia e não apenas de trabalhadora: *“Graças a Deus eu tenho plano de saúde, eu, de 6 em 6 meses vou ao ginecologista, faço meus exames, uma vez por ano faço um check-up geral. [...] Então eu tenho recurso, mas tem muitas que não tem e aí né?”*.

Questões morais

Nesta categoria verificou-se o impacto dos atravessamentos de ordem moral, os quais implicam no processo de subjetivação das profissionais do sexo, envolto por toda uma violência simbólica e real dirigida a elas. No discurso das três mulheres, observa-se a questão da moral e dos bons costumes, que coíbe e transpassa toda a prática da prostituição dentro da nossa sociedade. Isto fica bastante claro quando elas não se autorizam a tornar pública a profissão que exercem, tanto para os familiares e pessoas próximas quanto para a comunidade. Para conservarem essa situação de vida, apostam em uma solução de cindir um personagem que é o do trabalho e outro que é o de casa. Em razão disso, a realidade é a de que elas praticamente vivem e sustentam uma vida dupla. Há o medo constante da descoberta ameaçando a tranquilidade e anunciando algo na ordem de uma catástrofe, caso a verdade venha à tona.

No caso de Rita, apenas sua família nuclear, o marido, tem conhecimento sobre o ofício. Ele inclusive atua junto com a Rita, quando clientes solicitam a participação de um outro homem na relação. Os demais familiares aparentemente acreditam que a função dela é apenas a de gerenciar o estabelecimento: *“Sempre tem aquele problema de família né? Então a gente procura esconder, aquela coisa toda. [...] A minha família sabe que eu estou aqui dentro, mas eu digo que eu gerencio a casa, eu não escancarar que eu atendo pra eles.”* Ela oculta a cena da família e da sociedade, crendo que nenhum problema poderá advir desta situação, tanto que ela demonstra não sofrer por ser capaz de separar o trabalho da vida pessoal: *“Eu nunca tive problema com ninguém porque eu sei separar muito bem as coisas, eu faço o que faço aqui dentro, da porta pra fora eu não sou a Rita. Da porta pra fora eu esqueço o que faço aqui dentro!”*

Já Nanda e Sara não confiam o “segredo” a ninguém e vivem diariamente a angústia da possibilidade da descoberta:

Tu não tem aquela vida mesmo que tu queria ter, tu não tem, aquela vida tranquila, deitar a cabeça no travesseiro e não te preocupar que alguém vai no outro dia descobrir alguma coisa, isso aí tu não tem [...] [o que mais incomoda] É de estar se escondendo. Porque é chato o teu vizinho saber o que tu faz, ou até vizinha, eu acho chato! (Nanda)

Sara inclusive chega a temer a morte da mãe, caso haja a revelação sobre sua profissão: *“Isso eu tenho que me cuidar muito, tenho muuuuuito medo! Um amigo da minha mãe vim aqui e dizer ‘oh, tua filha?!’ Aí eu mato minha mãe, simples, eu mato! Ah eu nem sei, não gosto nem de pensar!”*. Culpa e vergonha, reprodução do paradigma judaico-cristão presente no laço social (AGUSTÍN, 2013), são componentes recorrentes na narrativa de Sara: *“Sinto vergonha né? Mas [pausa longa], vergonha, mas sei que Deus, sabe? [pausa] Não vai me castigar [pausa com choro], o que eu faço aqui não é por mal, não é!”*. Essa vergonha e medo são corroborados pelo controle social informal exercido pela nossa sociedade, o qual incide no preconceito e na discriminação: *“Ah! Tem muitos que vão te apontar e te, uh! E como! Eu não falo pra ninguém, eu falo que sou do lar! Mas [pausa] eu me sinto normal, não fico [pausa] às vezes paro pra pensar mas [pausa] porque se eu falo a verdade vão dizer ‘Hummm!’ Bah aí sim!”*

A sociedade brasileira segue carregada de estigmas e preconceitos em relação à profissão do sexo. A imagem de uma prostituta sendo mãe ainda é repudiada, causando forte reação social e produzindo questionamentos depreciativos sobre esta mãe e a futura criança. Da mesma forma como anteriormente a prostituta não era considerada de “família” e seus filhos herdavam a alcunha de “filhos da puta”, o refúgio das atuais profissionais do sexo é o de se ocultarem a qualquer custo perante a sociedade, para fugirem de uma possível discriminação. Convém lembrarmos que a palavra “puta” ou mesmo “prostituta” e expressões como “filho da puta” e similares são designadas como xingamento, como ofensa em nosso meio social. Nanda e Sara deixam explícito o quanto não desejam que essa “herança” seja repassada aos filhos, motivo pelo qual reafirmam todo o tempo a angústia da exposição de sua privacidade profissional.

Para Goffman (1980), os estigmas são características do indivíduo consideradas socialmente depreciativas em relação aos estereótipos sociais, que o desqualificam e obstam seu acesso aos bens, tanto concretos quanto simbólicos. Uma pessoa estigmatizada morre socialmente, é invisível perante o olhar da sociedade (AGUSTÍN, 2013). Para a moral burguesa, influenciada pelos preceitos judaico-

cristãos, e ainda resistindo na defesa do modelo de família tradicional, a prostituição aparece como a expressão de uma sexualidade ilegítima, inconveniente ao puritanismo, à moral e aos bons costumes. "É a hegemonia dos falsos moralistas contra 'os imorais'" (PEREIRA, FEIJÓ; 2014, p.48). Soma-se a isso o fato de que a prostituição sempre esteve atrelada a doenças. O surgimento da epidemia de HIV/AIDS, em meados da década de 1990, foi mais um fator que promoveu o agravamento da segregação das profissionais do sexo, que passaram a ser mais visibilizadas por serem associadas à disseminação da doença (ROBERTS, 1998).

Essa menos valia atribuída à prostituição é um estigma que tem o poder de alcançar também as mulheres que não vendem sexo, aquelas mulheres consideradas "desviantes", tachadas de puta por não se enquadrarem no padrão da mulher "direita" e, por isso, constringendo a adequação do feminino a este modelo ideal. Aliás, para o imaginário social chega a ser incompatível a associação entre os estereótipos de santa e de puta, pois o preconceito sustenta dois personagens femininos distintos, acirra as diferenças entre a "mulher de família" e a "mulher de rua" (BARRETO, 2013).

Nanda realça em seu discurso a preocupação com o desgaste de sua imagem:

Eu não vou a festas pra não ficar visada, se não fica muito visada. Tu entra e tem um cliente lá, ah fulana trabalha ali, aí daqui a pouco a cidade inteira sabe e eu não gosto desse lado, tem gurias que gostam mas eu não, eu preservo muito não ficar visada na cidade.

Para Nanda, ser reconhecida é ser visada, e ela não quer de modo algum se ver associada ao trabalho que desempenha, o que acaba por restringir seu círculo de relações e sua rede de apoio, podendo traduzir-se num fator contraproducente para o seu psiquismo: *"Amizade mais é aqui mesmo, com as gurias daqui, fora aqui eu não tenho muita amizade assim. Na escola agora que a gente até vai fazendo amigos. Porque fica muito aqui neste mundo, você não sai muito."* Rita, apesar de se declarar *"bem resolvida"*, apresenta uma rede de apoio reduzida e poucas pessoas com as quais pode compartilhar as vivências da sua profissão, o que não parece lhe causar algum transtorno: *"Eu tenho uma pessoa, uma amiga que sabe toda a situação, que eu converso abertamente com ela, mas como eu te falei, eu sou muito bem resolvida, então eu não tenho esse tipo de problema de ter que estar [conversando], sabe?"*

Ao contrário do que sugere o senso comum, nem todas as profissionais do sexo procuram o trabalho sexual apenas quando não há outras opções. Apesar de a questão monetária estar intrinsecamente vinculada ao comércio do sexo, pode prevalecer algo da ordem do interesse e do prazer em se relacionar com outras

peessoas. Rita comprova isso ao revelar a predileção dela e do companheiro por experiências sexuais com outros casais, sendo esta prática o elemento disparador para sua entrada na profissão: “*A gente já tava juntos há 10 anos. Há cinco a gente já participava de encontro de casais. A gente conheceu casais de Porto Alegre, Belo Horizonte, Paraná, essa volta toda. Por isso que eu te comentei que a minha situação era diferente.*”

Os preceitos morais que vão se cristalizando no seio da sociedade ao longo dos tempos colocam o sexo como o grande interdito das pessoas e por isso sua venda desperta preconceito. Porém, se extrapolamos essa narrativa única e dominante, concluímos que todos vendemos nossa força de trabalho através do nosso corpo, do operário à profissional do sexo (LEITE, 2009). Essa conotação moral está reproduzida na fala de Rita, quando apresenta sua dificuldade em iniciar seu trabalho como profissional do sexo:

Comecei trabalhar numa casa e eu cheguei lá e levei uma semana pra conseguir atender o primeiro cliente, porque eu não me animava, mas era uma casa muito tranquila como é aqui, não tinha bebida né? Não tinha cigarro, porque eu não bebo, não fumo né? Então eu, mas mesmo assim eu não me sentia à vontade né? Levei uma semana pra atender o primeiro cliente mas tudo bem, aí depois foi tranquilo porque eram só gente boa assim muito, não tinha rafuagem, não tinha nada de bobagem assim, foi tranquilo.

Rita relata que levou uma semana para atender seu primeiro cliente. Até então ela fazia o *swing* por busca de prazer, mas quando entra o quesito dinheiro algo muda, institui-se uma ambivalência quanto a se autorizar ou não a ganhar dinheiro com algo que já lhe proporcionava prazer, mesmo com a anuência do companheiro. Há um traço da moral cruzando a fala de Rita. Percebemos esse mesmo componente da moralidade burguesa internalizado quando ela enfatiza uma preocupação excessiva com a limpeza, que parece escapar para além do asseamento, como se houvesse uma certa “sujeira moral” em se fazer sexo por dinheiro e sem a presença do marido, como era no *swing*:

Chegou aqui pra trabalhar tem que tomar banho, não interessa que tomou banho em casa e veio direto, pra pegar o serviço tem que passar uma água no corpo, se fizer um lanche tem que escovar os dentes, se fizer xixi tem que se lavar. Não pode fumar aqui dentro. A gente não trabalha com bebida. Drogas muito menos!

A partir do momento em que ela conseguiu transpor esse dilema de ganhar dinheiro com sexo, pôde então “*unir o útil ao agradável*”, tanto que hoje ela trabalha como profissional do sexo, mas dentro do seu próprio estabelecimento:

E como costumam dizer que é um dinheiro fácil, não é fácil, é rápido, né? É um dinheiro rápido, né? Tem determinadas circunstâncias que ele é rápido mas também tem né? [pausa] Nem tanto, nem tão rápido assim, mas, depende né? Mas foi tranquilo!

No fim da entrevista, Rita considera o quanto seria salutar viver em uma sociedade isenta de preconceito contra a sua profissão, porém isso não chega a ser identificado como um problema por ela: *“Gostaria que fosse diferente, mas também não me incomoda.”* Ao mesmo tempo em que Rita diz manejar bem esta desaprovação social, de alguma forma parece concordar, inconscientemente, com alguma questão deste preconceito, enraizado e até certo ponto normalizado coletivamente, quando reconhece sua diligência em esconder o ofício da família:

Eu tenho muito cuidado, porque muitas vezes a gente está em reunião com os amigos, parentes, né? Churrasco, comilança e aí assim oh, eu conto, quero contar alguma coisa daqui e tenho o maior cuidado de dizer: ai, porque tem uma menina que trabalha lá, a fulana, né? Então acontece isso, tá?

O fato de lançar mão da interpretação de dois personagens indica o quanto este recurso é fundamental na manutenção de sua saúde psíquica. Essa estratégia nos remete ao conceito de *persona* presente na teoria analítica de Jung (2008). Para ele, *persona* seria uma espécie de máscara projetada pelo indivíduo para dissimular sua verdadeira dimensão ao mundo. São os papéis sociais que interpretamos no contexto social e que asseguram nossas interações com o outro e com a coletividade. O colapso desta *persona* é quando ela passa a prevalecer de forma a ofuscar a individualidade mais profunda do sujeito.

Gênero e trabalho

Esta categoria refere-se às relações de desigualdade estabelecidas entre homens e mulheres na construção socio-histórica dos gêneros e na consequente organização do trabalho sob a lógica da hegemonia do sistema patriarcal. Percebemos, no discurso das profissionais do sexo, o quanto é relegada a elas a função de cuidar, proteger e manter a casa, para além de sua rotina de trabalho. Fica explícito na família de Sara que são as mulheres as guardiãs e executoras destas atribuições. Os homens ou são violentos, como o irmão, ou envolvem-se com problemas, como é o caso do filho com as drogas e prisão, ou desaparecem tal qual os parceiros de vida que ela tenta buscar: *“É complicado, meu filho agora tô ajudando ele pra sair das drogas né? Que é muito delicado, é difícil, bah não é fácil!”*. Nessa mesma linha de que as mulheres assumem todas as responsabilidades, quando Sara sofreu grave acidente automobilístico, a mãe encarregou-se de todos os cuidados da

filha, ajudou na sua recuperação até ela voltar a caminhar, exercendo uma função de maternagem em todos os seus aspectos. Além disso, apoia Sara para lidar com os problemas relacionados ao envolvimento do neto com o tráfico de drogas. Vemos isso externalizado na fala de Sara:

[...] Minha mãe foi fora de sério né? Como ela é até hoje! Se ela não, se não fosse ela bah! Ela me ajudou a pagar os traficantes que meu filho tava devendo agora, ajudou a pagar se não eles iam matar meu filho, aí eu dei, entreguei em mãos pra ele, "tá aí!", não, assim como o dinheiro entra o dinheiro sai, mas aí igual! O que que uma mãe não faz por um filho né? A minha mãe fez por mim, eu fiz por ele [pausa] e vai. Eu tive um bom exemplo e tenho até hoje, é meu exemplo de, bah! De tudo, de mãe, de mulher, bah!

A divisão sexual do trabalho tem papel fundamental na produção do gênero, além de permear as relações sociais, implicando em uma maior vulnerabilidade relativa para as mulheres, especialmente as mais pobres e negras. Isto porque ela vai se estruturando de forma a determinar quais são os trabalhos possíveis para as mulheres e para os homens, delegando à mulher a responsabilidade por uma série de questões de cuidado da família, especialmente com os idosos e as crianças. Tal responsabilidade já lhe coloca em desvantagem em relação ao homem na corrida por uma colocação profissional, reafirmando a hierarquia de gênero. Cabe destacar que a gratuidade deste trabalho doméstico, incumbido tão somente às meninas e mulheres, representa a base do patriarcado e autoriza outras possíveis formas de exploração, além de liberar os homens para se dedicarem ao trabalho remunerado. Porém, os mesmos trabalhos domésticos passam a ser valorados quando realizados em outras casas (BIROLI, 2018). No momento em que as mulheres passam a dividir a maternidade com o trabalho fora do lar origina-se uma nova situação, que se reconfigurou na noção da dupla responsabilidade (CAVOUR, 2011). Além disso, os cuidados do lar ainda envolvem formas de apoio moral e de trabalho sexual e reprodutivo convencionados com o casamento. Significa dizer que “se um homem se casa com sua empregada doméstica ou com uma prostituta, o mesmo trabalho e a mesma mulher repentinamente se tornam não remunerados e improdutivos” (DELPHY, LEONARD; 2004, p. 84).

Apesar de a sociedade ter plena ciência de que homens vendem sexo, estes simplesmente não enfrentam a culpa e a vergonha, corolários do estigma da puta (AGUSTÍN, 2013). Isso pode resultar da associação de vários fatores: a hegemonia do sistema patriarcal, que aparta as mulheres em dois grupos - boas e casáveis ou más e promíscuas/prostitutas; o machismo estrutural; e a desigualdade de gênero. Há

também a presença nefasta do capitalismo, que garante a carência de outras oportunidades e possibilidades de trabalho rentáveis, e que de forma cruel coisifica as pessoas, transformando seus corpos em mercadoria.

Portanto, a vida humana foi transformada em objeto de consumo. Para Bauman (2001), a sociedade de consumo extrapola a compra de objetos e mercadorias, e passa a configurar novas relações sociais e culturais. Busca-se experiência, prazer, felicidade e o sentimento de pertencimento. Segundo o mesmo autor (2008), paradoxalmente transforma-se a condição dos consumidores a de mercadorias vendáveis, em que a subjetividade está sempre obrigada a reforçar-se, através de uma busca incessante e diligente de agregar capacidades esperadas e exigidas como requisito para se tornar e permanecer um bem vendável, dentro de uma sociedade de consumidores.

Estamos diante de modos perversos de desclassificação das mulheres que vivem do comércio do sexo, que orientam nossa discussão para o campo do trabalho. O trabalho tem a faculdade de conferir ou retirar a nossa humanidade, dependendo da viabilidade de condições para a sua realização, do seu grau de importância no nosso contexto de vida e das normas sociais a que ele se sujeita (RODRIGUES, 2010). Para Arendt (2008), a condição humana pressupõe três atividades primordiais: o labor, o trabalho e a ação, sendo o trabalho a dimensão artificial que transcende nossa existência individual, amparado pela atividade mecânica (física e mental) do labor e pelas trocas e laços possibilitados pela ação do homem sobre si e o mundo. Dejours (1999) aponta que o trabalho é indispensável no processo de emancipação do ser humano, a partir da significação do sofrimento desta experiência de contato real da nossa subjetividade com o campo social. A partir do trabalho somos subjetivados, na medida em que nossa inscrição no mundo e no campo psicossocial é permeada pelo acesso ao bem tangível, pelos encontros intersubjetivos, pela construção de um significante que produza sentidos para o sujeito e permita o registro de sua existência social (RIBEIRO, 2009).

O trabalho com o sexo tarifado não difere das demais relações de consumo inseridas dentro da lógica capitalista. É um trabalho cuja prática reúne um saber sexual diferenciado, precificado para sua comercialização (MOIRA, 2016). No entanto, Fonseca (1996) nos adverte não se tratar de uma profissão qualquer, justamente em função do processo de estigmatização social e do tabu diante da venda do sexo. Pasini (2005) defende a possibilidade de cisão entre as vivências dentro e fora da

prostituição, que permitem à trabalhadora do sexo transitar entre o "corpo-afeto" e o "corpo-mercadoria". Esta separação asseguraria o exercício de uma atividade laboral organizada e estruturada, regida por uma relação econômica.

Vulnerabilidades e invisibilidades

A vulnerabilidade é um construto que possui vários eixos de determinação, abarcando os contrastes e o risco social advindos da precariedade das condições econômicas, da desigualdade social, da expressão e representação políticas restritas, das dificuldades de acesso aos direitos como cidadão e da fragilidade dos laços afetivos e redes relacionais (CARMO & GUIZARDI, 2018). Observamos o uso do expediente da mecanicidade do sexo como a forma encontrada pelas profissionais de operarem, de forma satisfatória, a relação corpo-mercadoria. Rita nos ressalta seu pragmatismo: *“Faz o que tem que fazer e tchau. Abre a porta, tchau, aparece, volte sempre! Se passar por qualquer cliente na rua, não conhece, normal!”* Sara não diverge de Rita e afirma: *“Mas aqui dentro eu, eu separo isso. Aqui dentro é um trabalho, não tem envolvimento nenhum, é um trabalho! [...] Não dá pra misturar! Trabalho, deu, deu, acabou!”* Nanda concorda com a posição de ambas: *“Aqui é mecânico como se diz, sabe? Você entrou pra ali, às vezes tá com a cabeça pensando nas tuas contas e nem tá ali, é bem diferente!”* Tanto que ela sugere, em outro momento, preferir que o sexo comercial dure o menor tempo possível. E como seu maior incômodo é ter que se esconder, daí a ideia de reserva e de tempo, como se a rapidez do ato fosse determinar o tempo de permanência na profissão, que ela diz ser transitório.

Porém, Nanda sugere um certo *“abalo psicológico”* com a situação. Aqui aparece um incômodo que ultrapassa a angústia de vir a ser descoberta, mas um conflito com ela mesma: *“Ah é diferente né? Apesar de que tem dias aqui que a tua cabeça fica meio assim sabe? Tu tá aqui mas tá assim pensando sabe? Em querer sair, sumir. Acontece isso, tem dias que te dá um, um abalo vamos dizer assim! Tu fica pensando...”* Perguntada então se o trabalho realmente lhe produzia algum sofrimento psíquico ela responde:

Sim, porque né? Você tem que estar ali te escondendo mesmo né? Fica com aquilo na cabeça, com medo de que daqui a pouco entre alguém que você conheça aqui, então esse lado aí você está sempre tensa. Fica uma tensão, um medo de que você seja descoberta.

Ela ainda relata um outro inconveniente de estar ali, o de ter que dividir sua intimidade sem poder escolher com quem:

Esse lado é ruim né? Tu fica assim pensando, tem certos [clientes] que tu olha assim né? Mas... aí tu pensa “o pai das minhas filhas nunca me ajudou, quase que nada, eu criei praticamente sozinha. Então é por elas que tô aqui!” Eu penso nelas e aí tá, daí eu fecho os olhos, vai!

Apesar disso, Nanda tenta racionalizar seu pensamento, de modo a se convencer de que vale a pena estar ali: “[...] eu sempre ganhei bem, não vou te mentir. Eu sempre paguei, sempre dei de tudo para as minhas filhas!”

Podemos observar, ainda, uma estratégia de separação entre este corpo-mercadoria e o corpo-afeto nas falas das mulheres (PASINI, 2005): “Eu faço aqui dentro mas com o meu esposo no caso é diferente, porque aí é amor! (Rita). Nanda faz questão de salientar a disparidade da profissão com a vida pessoal: “Ah é outra situação né?” Nanda ainda se diz contrária à hipótese de um casamento motivado por puro interesse financeiro, delimitando um fronteira entre o lado profissional e o pessoal: “Eu não consigo ficar com alguém por dinheiro, apesar da gente tá aqui por dinheiro, mas agora conviver o dia a dia, eu não consigo, isso eu não consigo, não tem como.”

Já Sara, antes de começar na profissão, parecia ter uma visão romantizada sobre as demandas de ordem sexual de uma profissional do sexo. Ao visitar as amigas na casa, criticava a rapidez do atendimento delas: “O que, já? Ai que sem graça, ai que horror, como vocês são! Ai, não é gostoso?” Ela então ouvia das amigas: “Se tivesse durado menos era melhor! Aqui a gente tá porque a gente precisa, então se ficar cinco minutos pra nós é uma beleza, se ficar um [minuto] melhor ainda!” Porém, depois de algum tempo na prostituição, diz que “reza para que o cliente permaneça por no máximo cinco minutos”, o que pode sugerir que o sexo nestas circunstâncias não seja tão prazeroso quanto ela havia, de certa forma, idealizado. Sara emocionava-se muito ao ser questionada sobre a possibilidade do seu trabalho lhe conferir algum tipo de sofrimento psicológico. Contudo, ela se mantém no âmbito da moral, reafirmando seu discurso anterior ligado ao medo do encontro com o “conhecido”: “Eu tenho vergonha dos meus irmãos! Ah vergonha de olhar né? Pra eles! Eu tenho medo que algum amigo deles que eu não conheça venha aqui, falar pro teu irmão que tu tá trabalhando “é fiquei com ela, dormi com ela”, bah! Isso aí, Deus o livre!”

Já para Rita isso não resulta em maiores conflitos internos. Ela faz um desmembramento quase visceral entre as identidades de mulher e de profissional do sexo. Em determinado ponto da entrevista nos perguntamos até que ponto é Rita mesmo quem está nos respondendo ou é a personagem que ela criou para se omitir.

A questão da invisibilidade na amostra pesquisada aparece de forma paradoxal. Uma vez que o preconceito social não colabora para que elas se assumam na profissão, estar invisível aqui torna-se um fator protetivo, pois se ninguém vê ninguém sabe, ou seja, não há o julgamento de ser puta e tudo que isso representa: *“É, a sociedade é assim, tu tá dentro de uma casa de massagem, tá dentro de uma boate tu é puta; mas se tu tá dentro de uma festa dando pra deus e todo mundo, tá aproveitando a vida. É esse lado que eu não entendo, essa diferenciação.”* (Nanda).

Por outro lado, este imperativo de estar invisível pode compor um processo de adoecimento resultado da apreensão contínua: *“Eu digo que sou autônoma, cabelereira, que eu tenho curso né? De manicure, depiladora. O de cabelereiro eu comecei mas não terminei, mas eu falo que trabalho num salão de beleza.”* Sara sustenta a história de que é empregada doméstica numa casa de família.

No caso de Rita, ela ainda pode dividir a experiência com o companheiro, mas Sara e Nanda só podem comunicar-se com seus “iguais”: as colegas da casa e os clientes. Nanda inclusive ressalta um aspecto muito peculiar das profissionais do sexo que é o de acolher questões pessoais dos clientes. Essa relação de troca com o outro faz-se presença afetiva também para ela, constrói novos sentidos para sua existência, pontuando o quanto as relações humanas são fundamentais para nosso equilíbrio e crescimento, relações estas que se tornam bastante restritas dada a configuração de trabalho a que elas se permitem.

Só com as gurias daqui que eu converso, mas fora não. Um lado assim que eu acho que é um lado às vezes que te ajuda um monte aqui é que às vezes tu serve até de psicólogo para os clientes e eles pra ti, a gente conversa muito é com os clientes daqui. Isso é uma parte que eu acho até interessante sabe? Às vezes a gente fica tomando cerveja, conversando muito tempo e aprende bastante também, isso daí é uma, é o lado positivo daqui, tu aprende bastante coisa com eles também, com a vida assim sabe? Troca muita ideia. (Nanda)

Um outro fato que nos chama a atenção é relação de Sara com a espiritualidade, que provavelmente funciona como um mecanismo de proteção na tentativa dela se manter intacta emocionalmente em meio às adversidades da profissão e dos problemas familiares:

Cada dia eu mato um leão mas sempre forte, sempre com fé em Deus, Deus vai me tirar né? Dessa, vai tirar meu filho né? E é isso aí! [...] falo pra elas [colegas de trabalho] “nós matamos um leão todo dia!” Todo dia tem, mas mesmo cansada a gente tem que matar... Não é mole, não é fácil! E chega no final do dia e agradeço a Deus “obrigada por mais um dia e que amanhã seja melhor”, e vai ser!

A religiosidade de Sara pode ser considerada como uma possibilidade de resistência, que desenha caminhos e fluxos para a sobrevivência em ambientes

adversos e justifica a permanência nestes ambientes. A problemática do filho com as drogas tem deixado Sara bastante mobilizada:

[..] Eu sei, eu tenho que me tratar, eu já pensei nisso mas, como é que é, é o tempo que não dá espaço! Por enquanto eu tô mais preocupada com meu filho [...] Pra começar o meu filho tem, como ele usa essas drogas ele tem, ficou com problema na cabeça, ele tem problema, um nervoso, daqui a pouquinho ele tá bem, daqui a pouquinho explode e daqui a pouquinho ele pede perdão, diz, chora e fica, e aquilo mexe comigo, eu fico bem desnorteada [...]

No entanto, ela confia que Deus tenha um plano maior para ela, uma vez que já lhe salvou outras vezes: *“Deus me tirou, Deus me tirou da morte né? Ele não quer isso pra mim! E como eu busco Ele, e como! Só Ele! Se a gente tá aqui, eu, tu, é porque Ele quer, Ele tem, tá sempre com nós, nunca, nunca vai nos abandonar!”* Em várias situações ela sinaliza a fé nesse Deus e a comprovação de que ele tem um papel fundamental na sua vida.

A invisibilização tem outro lado negativo com relação ao alcance das Políticas Públicas para a categoria das profissionais do sexo. Aqui notamos a ausência do Estado, principalmente no caso de Sara, em que fica claro que ela precisou deste Estado inúmeras vezes, até pela sua história de vida, mas quando ele se faz presente, é na forma da repressão. Sara, quando interrogada a respeito de Políticas Públicas, ignora completamente do que se trata: *“Não, não, nem em sonho, nunca ouvi falar!”* Ela, assim como Nanda e Rita, não conseguem enxergar a RD como uma política pública que está ali para beneficiá-las. Possivelmente, além da falta de acesso a um ensino formal de qualidade que lhes produziria este entendimento, há principalmente essa relação de menos valia, característica dos atores sociais que vivenciam um processo de exclusão social. Porém, a RD aparece como uma política potente e subjetivante de promoção e prevenção da saúde, que vai ao encontro dessas mulheres, mediante busca ativa, e fomenta o encontro como forma de sensibilização para o autocuidado das práticas. Podemos fazer uma analogia com a proposta de Ortega (2000) de uma política da amizade, que preconiza formas menos excludentes e individualistas da lógica capitalista, a partir da experimentação do espaço da amizade como forma de contemplar a alteridade e o compromisso com o outro. Com isso, pode ser possível romper com o imperativo político engessado, que fixa um modelo de subjetividade e de sociabilidade.

A RD acaba ocupando um pouco esse lugar, em que as mulheres entrevistadas, mesmo não a identificando como uma política pública voltada a elas,

reconhecem o importante papel de apoio e orientação que desempenham: “[...] é muito importante [o trabalho da RD], muito importante. Eu sei de gurias, de casas que não gostam de receber, mandam dizer que não tá ou né? Enfim, ficam evitando, mas eu acho um desperdício evitar um serviço desses né?” (Rita). Sara também concorda:

Ajuda, ajuda. Eu converso com elas [Redutoras de Danos], todos os dias eu converso, quando elas vêm aqui. Elas são legais, são muito boas, eu não tenho nem, são, bah! Mas eu moro aqui né? Tamo em família. Elas trazem material e dão atenção, tudo, tudo. Elas falam “se cuida! Usa camisinha, olha as doenças, a doença não tá escrita na testa!” Deus o livre, a gente se cuida! Muito mesmo.

Nanda relata certo receio com a presença das agentes da RD, até mesmo pelo medo de deparar-se com pessoas conhecidas. É possível que essa dificuldade de aproximação de Nanda tenha resumido a presença da RD ao papel de distribuir insumos:

Não, agora que eu tô conversando mais com as gurias, eu nunca tive intimidade nenhuma com elas, na verdade! Na verdade eu evitava até, eu não sabia quem ia vir né? Pode ser alguém que tu conhece porque esse [companheiro] que eu tô, mesmo ele tem uma conhecida que trabalha, não sei nem o nome dela, trabalha mas lá no Sítio Floresta, ela é assistente social lá. Eu ficava né? Quando vê muda né? Quem vem! Eu nunca tive intimidade nenhuma assim com as gurias. Depois que eu, agora essas vezes aí que a gente conversou mais, porque eu nunca. Elas vinham, entregavam camisinha e gel, e deu, as gurias assinavam. Às vezes elas trazem teste de gravidez, quando as gurias às vezes pedem, alguma coisa assim.

Expectativas para o futuro

Nesta categoria foram incluídas as expectativas das participantes para uma vida futura, sonhos, desafios e possibilidades. Nanda vê sua profissão como um período, uma necessidade momentânea até que as filhas estejam financeiramente estabilizadas: “Assim, aqui é passageiro né? É uma passagem, porque tu sabe que isso aqui não é um lugar pra tu levar pra tua vida, daqui a pouco passa. Eu nem sei como é que eu estou tanto tempo assim!”. Ela confia em uma educação técnica formal, subsidiada por dois de seus clientes, para substituir seu trabalho atual:

Vai até maio, maio do ano que vem [o curso técnico de enfermagem], falta praticamente um ano mesmo. Aí termino com estágio, com tudo. Mesmo que eu não trabalhe, não entre né? Mas tu consegue trabalhar melhor, cuidar de um idoso, eu gosto sabe? De cuidar das pessoas, eu gosto. Que nem os clientes aqui mexem “ah vc podia abrir uma casa geriátrica e os seus antigos clientes vão ser seus pacientes!” Eu digo “é, acho que eu vou fazer isso!”

Nanda relata ainda que tem realizado outros investimentos como aporte para uma posterior estabilidade financeira dela e da família, após desligar-se do trabalho como profissional do sexo. Inclusive revela já possuir casa própria, ter investido em

três apartamentos com o fruto do seu trabalho, dois destinados às filhas e um para locação, cuja mobília foi presenteada por alguns dos fregueses da casa:

[...] Eu fiz um apartamento, mobiliei um apartamento e alugo ele por dia também, pelo site sabe? Aí eu pretendo mais adiante quando ver eu compro mais outro que aí eu invisto nesse lado aí. Que aí ganhar o que eu tô ganhando, vou ganhar quase a mesma coisa aqui, porque aqui deu uma boa caída nessas casas, antigamente tu ganhava bem mais, então eu ganhando 200,00 reais por dia pra ficar em casa parada tá ótimo! Só pra mim né? Porque vai ser só eu!

Ela fala também sobre o temor de que as filhas, por necessidades financeiras, possam, assim como ela, algum dia recorrerem à prostituição e reproduzir a sua história:

[...] Então eu não quero que as minhas filhas passem o que eu passei e aí, como eu não estudei muito lá fora né? Eu não consegui fazer um curso, fazer nada assim muito, não conseguia nem trabalhar aqui em comércio porque não tinha, as lojas não dão transporte municipal e é caro né? É longe. Então eu, apareceu isso daí e eu vi que era, conseguia sustentar minhas filhas e eu bem, e foi indo. [...] Porque eu quero deixar as minhas filhas já com casa, tudo mobiliado né? Eu já, já dei para as duas apartamento e mobiliei das duas. Então eu acho, vou fazer, assim o dia que as minhas duas filhas tiverem estabilizadas eu paro, aí vou pensar na minha vida. Mas até lá eu não consigo imaginar elas passar trabalho, não consigo imaginar que um dia vai ver elas vão parar aqui também. Já que eu entrei nessa, então vou sair bem pelo menos! Não adianta tu entrar nessa e sair pagando aluguel.

Porém, essa transitoriedade do trabalho aparece de forma ambígua, sugerindo inclusive que o tempo de permanência dela na profissão, até então de 10 anos, já revela que não é tão passageiro assim: “Aí eu comecei a ver que tu consegue comprar aquilo, aquilo outro e tu acha: ah um dia eu vou parar! mas aí tu quer comprar mais alguma coisa, pra ficar melhor pra quando parar né? Deixar tudo certo.”

Para Sara, ainda ecoa o sonho de vir a constituir uma nova família: “Eu penso, eu penso, eu penso, eu penso de novo me casar, ter uma família, eu penso ter um filho formado com emprego, casado...eu penso que eu vou conseguir, eu vou! Eu vou porque ainda sou uma guria nova né?”. Para ela, que já vivenciou tal experiência, esse desejo soa como uma esperança de reaver esse lugar, o seu devir: “Era, era boa [sua vida antes do acidente], maravilhosa, eu tinha minha casa, o meu marido, meu filho pequeno, cuidava da minha casa, do meu filho, do meu marido, aí depois teve esse acidente, aí tudo desmoronou né?” Ela deixa transparecer que busca um “príncipe” para se casar, alguém que lhe salvaria desta vida. Mas este homem não se configura, e, se o faz, é por pouco tempo, logo vem a decepção:

Eles acham que a gente é bonequinha, daqui a pouco a bonequinha se quebra e eles não querem mais, descarta a gente! [...] Ah eu me sinto a última mulher do mundo! E o meu filho não gosta disso, ele diz “pô mãe!”. Eu sempre acho “Ah esse é o homem, é esse!” Que nada! Daqui a pouco o castelo desmorona!

Apesar disso, ela insiste que as coisas vão melhorar, não se deixa abater pelas frustrações: *“Não, mas eu tenho fé! Que nem eu falei pra ti né? Que o meu tá guardadinho em algum lugar e [pausa] vai vim, vai vim eu tenho fé, vai vim e eu vou sair dessa vida, eu vou ter uma família, minhas coisas! Não vou ficar só nisso!”* Rita, por sua vez, afirma não inquietar-se com o futuro: *“Eu vou aonde tiver que ir, eu vou a restaurantes, vou a festas, vou a jantar dançante, vou a aniversário, casamento, tudo normal!”*

Considerações Finais

Este artigo procurou explorar e compreender a trajetória de três mulheres profissionais do sexo e o possível sofrimento psíquico advindo do exercício de sua profissão. A preocupação central do estudo foi a de evidenciar os aspectos de vulnerabilidade que compõem o universo destas mulheres, e que podem expô-las a um sofrimento mental latente e invisibilizado.

O ponto central de convergência e eixo de maior vulnerabilidade apresentados pelas profissionais entrevistadas são as experiências a partir de uma vida dupla, perante a família e a sociedade. Trata-se de uma estratégia de manutenção do *status quo*. As questões de ordem moral, o estigma da puta e o medo da reação social são importantes marcadores que as condenam a exercer sua profissão na obscuridade, no *underground*. A pressão de estar o tempo todo controlando o ambiente, com o mínimo de exposição de sua imagem, aliados a uma consequente rede de apoio social limitada podem produzir sofrimento nessas mulheres, comprometendo seu sentido de existência. Em contrapartida, há uma singularidade de trajetórias, produto da história individual de cada uma e do seu próprio processo de constituição psíquica, fundado nas interações sociais a que tiveram acesso e nos investimentos afetivos recebidos.

Considera-se como limitação do estudo a necessidade de adequação à agenda da RD em razão do tempo muito longo entre as visitas, o que inviabilizou o retorno às Casas de Massagem para um aprofundamento maior de algumas questões conflituosas apresentadas pelas participantes. A sugestão é que os estudos futuros contemplem uma logística diferenciada junto a quaisquer equipes que fizerem a

intermediação entre a pesquisadora e as profissionais do sexo. Convém ressaltar que as três mulheres que se propuseram a participar do estudo, por não apresentarem um sofrimento psíquico intenso e grave, encontraram alternativas de lidar com as questões fragilizadoras, o que pode representar um viés importante no estudo.

Partindo da observação de que os estigmas e a marginalização, além da própria condição subjetiva da profissão, podem produzir sofrimento, é preciso pensar estratégias que possam ser criadas como mecanismos de amparo do ponto de vista da saúde mental, objetivando uma melhor qualidade de vida para essas mulheres. Além disso, para pensar em Políticas Públicas, impera a necessidade de buscarmos pontos de atenção, além da Estratégia de Redução de Danos, que possam dar acolhimento às profissionais do sexo.

Reconhecer o sofrimento mental como presente na trajetória de vida e trabalho das profissionais do sexo é muito mais do que respeitar o preceito constitucional de igualdade de todos perante a lei, e a garantia ao direito à assistência integral preconizada pelo SUS. É dar voz a um sofrimento que talvez nem mesmo as próprias profissionais reconheçam ou com o qual não tenham a possibilidade de entrar em contato. Ao negligenciarmos a possibilidade de adoecimento mental desta categoria, além do impacto dessubjetivante para o indivíduo, há ônus de ordem econômica e social. Do ponto de vista econômico, intervenções tardias aos agravos clínicos exigem tratamentos mais complexos, demorados e dispendiosos ao poder público. Quanto ao ônus social, poderá haver um comprometimento funcional da pessoa acometida pelo adoecimento de ordem psíquica, afetando seu modo de vida e subsistência.

Referências

- AGUSTÍN, Laura. Prostitution Law and the Death of Whores. **Jacobin Magazine**, 2013. Disponível em <https://jacobinmag.com/2013/08/prostitution-law-and-the-death-of-whores>.
- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. 10.ed. São Paulo: Forense Universitária, 2008.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARRETO, Leticia Cardoso. **Prostituição, gênero e trabalho**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades limites da democracia no Brasil**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BRASIL. Ministério do Trabalho. Fundo de Amparo ao Trabalhador. **Classificação Brasileira de Ocupações**. Brasília, jul. 2016. Disponível em <http://portalfat.mte.gov.br/programas-e-acoes-2/classificacao-brasileira-de-ocupacoes/>
- BRASIL. Ministério do Trabalho. **Portaria nº 397 de 09 de outubro de 2002**. Aprova a Classificação Brasileira de Ocupações - CBO/2002. Brasília, out. 2002. Disponível em <http://www.mteco.gov.br/cbosite/pages/legislacao.jsf>
- CARMO, Michelly Eustáquia do; GUIZARDI, Francini Lube. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, e00101417, 2018. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2018000303001&lng=en&nrm=iso>. access on 16 June 2019. Epub Mar 26, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00101417>.

CAVOUR, Renata Casemiro. **Mulheres de família: papéis e identidades da prostituta no contexto familiar.** 2011. 148 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

DEJOURS, Christophe. **Conferências brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho.** São Paulo: FGV, 1999.

DELPHY, Christine; LEONARD, Diana. **Familiar Exploitation: A New Analysis on Marriage in Contemporary Western Societies.** Cambridge, Polity Press, 2004.

FONSECA, Cláudia. A dupla carreira da mulher prostituta. **Revista Estudos Feministas**, nº 1, p .7-33, 1996.

JUNG, Carl Gustav. **O Eu e o Inconsciente** - Dois Escritos Sobre Psicologia Analítica - Vol. 7/2 - Col. Obras Completas - 21ª Ed. Petrópolis, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do Feminino.** 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

LEITE, Gabriela. **Filha, mãe, avó e puta. A história de uma mulher que decidiu ser prostituta.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 13.ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

MOIRA, Amara. **E se eu fosse puta.** 1.ed. São Paulo: Hoo Editora, 2016.

ORTEGA, Francisco. **Para uma política da amizade - Arendt, Derrida, Foucault.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, 118 págs.

PASINI, Elisiane. **Prostituição e a liberdade do corpo.** In CLAM - AMB, 2005. Disponível em <http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/elisiane.pdf>.

RIBEIRO, Marcelo Afonso. Estratégias micropolíticas para lidar com o desemprego: contribuições da psicologia social do trabalho. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 331-346, 2009. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2009000200010&lng=pt&nrm=iso

ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na história**. Tradução de Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1998.

RODRIGUES, Marlene Teixeira. A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer? **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 68-76, 2009. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802009000100009&lng=en&nrm=iso <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-49802009000100009>.

RODRIGUES, Renato Mori. **Prostituição e construção de carreira: um estudo sobre o trabalho de prostitutas no centro de Salvador**. 2010. 107 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.